

**PARA ESCAPAR AO ROSTO E PRODUZIR OUTRAS PAISAGENS:
EXPERIMENTAÇÕES ARTÍSTICAS DE UM ESTÁGIO DE DOCÊNCIA EM
ARTES VISUAIS**

*Eixo Temático 01 – A Arte e suas Manifestações: navegando entre as
diferenças, corpo(s), gênero(s) e sexualidade(s)*

Gustavo Barrionuevo ¹
Roberta Stubs ²

RESUMO

Somos curiosas pelas linhas de subjetivação que se agenciam entre a arte e a educação. Sendo um recorte de uma pesquisa de Mestrado em Educação, objetivamos refletir sobre as práticas de desrostificação a partir das experimentações artísticas realizadas durante o Estágio de Docência em um curso de Artes Visuais. Partimos da *drag* para pensar em propostas que tensionassem a produção de rostidades, entendida na filosofia da diferença como uma máquina com capacidade de delimitar nossos territórios de subjetivação na medida que nos insere em um rosto e nos fixa a uma paisagem. A partir das produções das estudantes, refletimos sobre a necessidade de abrirmos essa relação rosto-paisagem a produção de subjetividades mais libertárias, afeitas a produção de outras sensibilidades em sala de aula.

Palavras-chave: Rostidade; Filosofia da Diferença; Estágio de Docência.

INTRODUÇÃO

Somos curiosas pelas linhas que podem ser agenciadas pelo encontro da arte e da educação. De modo mais específico, nosso interesse paira em torno dos processos de subjetivação que são agenciados em espaços de experimentação artística e de produção de conhecimento, o que se produz nesses espaços e como isso pode afetar as sujeitas que o habitam – sejam estudantes ou docentes. Nossa discussão aqui é um recorte/desdobramento de uma pesquisa de Mestrado em Educação intitulada “A/r/tografia de uma Drag em Educação: do pixel de fuga a uma política de amizade na

¹ Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, gustavobarrionuevo600@gmail.com;

² Doutora em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista – UNESP/Assis, robertastubs@gmail.com;

docência”, produzida pelo autor deste resumo sob orientação da Dra. Eliane Maio e coorientação de sua coautora, na Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Na pesquisa, nos aproveitamos do Estágio de Docência, prática curricular dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* direcionada à formação docente de mestrandas e doutorandas, como campo de pesquisa e de produção de conhecimento. Realizado com duas turmas do curso de Artes Visuais da Universidade Estadual de Maringá, propomos experimentações artísticas que tensionassem as ementas das disciplinas com outras linhas de problematização – como gênero, sexualidade e corpo – partindo da performance *drag*. Entendemos o espaço do estágio como um momento em que a estagiária-pesquisadora-professora pode problematizar sua formação, sua prática e refletir sobre a educação de uma maneira mais ampla para além das práticas de disciplinarização e de controle que, por vezes, insistem em se fazer presentes (Juliano Reis SIQUEIRA, 2022).

Pesquisando sobre tais práticas, nos encontramos com as problematizações apresentadas por Gilles Deleuze e Felix Guattari (2012) acerca da rostidade, uma espécie de dispositivo com capacidade de capturar as linhas que nos formam, inscrevendo-as em uma paisagem já delimitada de experimentação. Assim, os autores apontam: se somos mais inseridos em um rosto do que possuímos um, teríamos um destino – o de escapar ao rosto e as rostificações ao encontro de devires imperceptíveis, clandestinos, animais... Então, neste resumo, objetivamos refletir sobre práticas de desrostificação a partir das experimentações artísticas realizadas durante o Estágio de Docência, apresentando algumas das reflexões que se formaram ao longo da pesquisa.

Nossa pesquisa se vale da A/r/tografia, metodologia que coloca a produção artística no início do processo de ensino e pesquisa, para produzir conhecimentos e entendimentos outros sobre as práticas artísticas, docentes e de aprendizagem. Por isso, nossas reflexões acontecem entre as produções das estudantes, a teoria e as experimentações em sala de aula.

METODOLOGIA

Para desenvolvimento da pesquisa de mestrado referida anteriormente, optamos pela A/r/tografia como metodologia. Tal método incorpora a prática cartográfica,

estudando formatos alternativos para produzir conhecimentos, entendimentos e saberes que os formatos tradicionais de pesquisa não podem ou conseguem possibilitar (Rita IRWIN, 2013). A/R/T é uma metáfora para artista (*artist*), pesquisadora (*researcher*) e professora (*teacher*), se configurando como uma metodologia relacional entre a prática artística, a pesquisa e o ensino – reconhecendo que estes três campos coexistem e se sobrepõem na vida da a/r/tografa.

Como mencionado, a pesquisa foi realizada durante o Estágio de Docência do autor junto a duas turmas do curso de licenciatura em Artes Visuais da UEM, nas disciplinas de “Arte Digital” e “Arte e Tecnologia: Fotografia e Vídeo”. As experimentações realizadas foram propostas levando em consideração as referidas ementas e currículos, entretanto, interessadas nas fissuras, atravessamos tais questões com um elemento estrangeiro: a performance *drag*.

Quando a a/r/tografia coloca a produção artística no início do processo de pesquisa e ensino, ela permite atravessarmos o currículo pelas linguagens e os processos artísticos que as professoras visualizam como propositoras de aberturas inventivas. Essa é uma ação possível quando pensamos em propostas como a de um currículo rizoma, desenvolvida por Silvio Gallo (2017) – um currículo aberto às ligações com o fora e com o que o cotidiano apresenta em questão de acontecimentos. Um rizoma conecta qualquer ponto a qualquer outro ponto pois funciona por variação, expansão, conquista e captura, procedendo pela criação de um mapa que precisa ser produzido, criado, construído e sempre desmontado, desarticulado, reversível e modificável, aceitando múltiplas entradas e produzindo infinitas saídas pelas linhas de fuga que correm dele (DELEUZE e GUATTARI, 2011). Conjecturar, então, um currículo rizoma, é assumir a movimentação da produção de conhecimento, uma transversalidade dos saberes.

O transformismo – termo latino para *drag* – foi o disparador das problematizações apresentadas na pesquisa, hora tangenciando as questões de gênero e sexualidade, hora as extrapolando e tocando outros territórios sensíveis. Na disciplina de “Arte Digital” propomos que, partindo de uma fotografia de si, uma *selfie*, as estudantes utilizassem programas de edição de imagem digitais (photoshop) para se colocarem em drag. Já em “Arte e Tecnologia: Fotografia e Vídeo”, propomos que as estudantes produzissem uma videoarte a partir das questões levantadas pela prática transformista. As propostas foram antecedidas por discussões acerca da história e da

prática transformista, explorando algumas vertentes de experimentação como a *Drag Queen*, o *Drag King*, a *Drag Queen* e a *Tranimal*, o que levantou dúvidas e diálogos com as estudantes sobre as práticas e tecnologias de gênero, sobre sexualidade, produção dos corpos por meios artificiais, além de apresentarmos algumas artistas que se vinculam a essa prática artística.

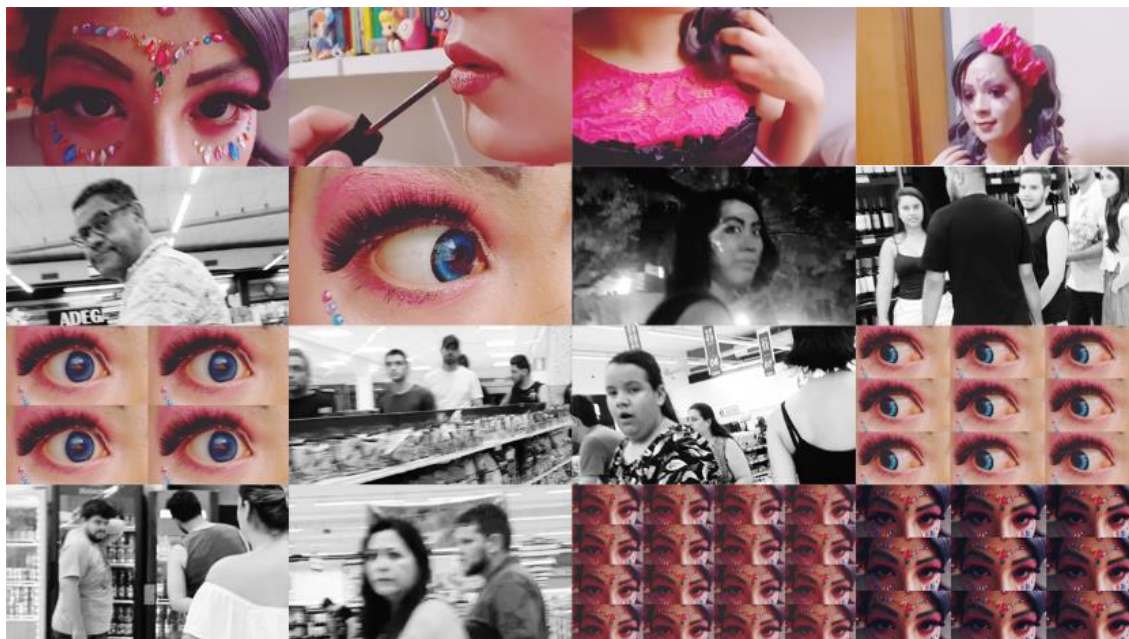
Nossa pesquisa, frente ao desejo de produzir junto as estudantes, foi enviada ao Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) da UEM, sob a CAAE nº 30792820.9.0000.0104 que, após aprovado, deu origem ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinado por todas as participantes da pesquisa – juntamente com autorização de uso de imagem das experimentações realizadas em sala, para fins acadêmicos.

DISCUSSÕES

Pela manipulação de imagem e pela experimentação transformista que algumas das estudantes realizaram durante o Estágio de Docência, o rosto foi um dos elementos que se destacaram durante a realização da pesquisa. Deleuze e Guattari (2012) apontam que determinadas sociedades e determinados agenciamentos de poder necessitam da produção de um rosto. Aqui é válido destacar que por rosto não queremos dizer a cabeça, a cabeça ainda é entendida enquanto parte do corpo, enquanto o rosto seria um dispositivo que sobrecofida o corpo todo (incluindo a cabeça).

A partir do encontro de Deleuze e Guattari (2012) com Michel Foucault (1999), Giorgio Agamben (2009) e Peter Pal Pelbart (2007), conseguimos entender que o rosto funciona na sociedade contemporânea enquanto um dispositivo com capacidade de capturar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as opiniões, as condutas e os desejos dos seres vivos. A máquina abstrata de rostidade, responsável pela produção dos rostos, é associada as redes de poder que nos assaltam a vida, fazendo com que o poder penetre em todas as esperas da nossa existência enquanto um mecanismo de controle e monitoramento. É como se nós mesmos nos monitorássemos, entre os nossos olhos e os dos outros, somos vigiadas em todos os sentidos - o modo como nos comportamos, vestimos, falamos, andamos e desejamos (Figura 1).

Figura 1. Frames de vídeo de experimentações *in Drag*.



Fonte: Arquivo das autoras, 2019.

Em uma das experimentações, a estudante *in drag* vai ao supermercado e se depara com olhares por todos os lados, a cada passo um novo rosto se vira para ela com vontade de analisá-la, julgando e transparecendo em sua expressão de que a drag não pertence a tal paisagem. A ironia da drag quando essa exagera os códigos de gênero, deixando escancarado o quão construída são essas noções, pode até ser aceita na balada, na noite, nos bicos e nos inferninhos por algumas várias sujeitas. Mas no mercado, é uma presença estranha, é gagueira criada no território do comum e da normalidade.

E qual seria esse normal, esse comum? Entendemos que as diferenças figuram como uma multiplicidade ontológica, são potências heterogeneas que se movimentam antes da criação da máquina ou da constituição de um rosto que as insira em redes de poder e de controle. Porém, nessa trama de poder e controle, é necessário que a máquina de rostidade quadricule todo o território, delineando as arborescências e impedindo a criação de rizomas, só assim será possível alocar as subjetividades em territórios de experimentação já prontos. Por isso, uma das características desta máquina abstrata é seu funcionamento em cima de uma equação binária: x ou y. As possibilidades de rostidade, ou seja, as possibilidades de existência são sempre apresentadas assim: um ou

outro. O normal é o “um”, o primeiro a ser identificado, e é em comparação com ele que o “outro” recebe sua identificação.

Essa é uma afirmação que vai de encontro aos estudos de gênero, autoras como Eliane Rose Maio (2019) e Paul Preciado (2014) também apontam que somos alocados em territórios de experimentação a partir do momento em que nascemos. Ao designar “é um menino” ou “é uma menina” no nascimento, ou mesmo anterior ao nascimento, todo um território de existência é definido, a nossa existência já passa a ter um rosto neste instante. Entretanto, os filósofos apontam que o rosto neutro, aquele que vai servir de parâmetro para a criação de todos os outros rostos, é o rosto do homem branco. Só em comparação a ele que as dissidências são marcadas e, assim, alocadas sempre em posições de menor poder.

Outra afirmação de Deleuze e Guattari (2012) é a de que nos introduzimos em um rosto mais do que possuímos um, nos levando a pensar que a rostidade implica em um processo de imposição de subjetividade, justamente por essa delimitação de “possibilidades” e, conseqüentemente, de campos de experiência disponíveis. A rostidade é aquilo que define zonas de frequência e de probabilidade da vida, ela delimita um território de experiência que agenciará todo o processo de subjetivação da sujeita. O rosto pode ser, talvez, realocado durante a vida a partir dos tensionamentos que nossas experiências produzem, das linhas que permitimos nos atravessar, mas a máquina sempre trabalhará para reenquadrar nossa existência e subjetividade em categorias binárias, afinal, toda desviança deverá ser rostificada.

É assim, pela relação do rosto com o binário e pela nossa inserção nas relações de poder, que Deleuze e Guattari (2012) afirmam: o rosto é uma política. Daí nosso interesse em pensar em políticas outras, práticas de resistência a produção do rosto, afim de formar subjetividades mais afeitas a experimentação e a produção de outras sensibilidades no encontro com a vida. Para isso, precisamos fazer o rosto fugir em busca de outras paisagens para habitar, assumir um nomadismo que nos leve para outros territórios de experimentação que o rosto que assumimos não nos permitia. Assim como um dos estudantes fez em sua experimentação manipulando uma fotografia, ele se transforma em casa, coloca fogo em si e mostra que precisamos queimar a casa que habitamos, nosso lugar comum, para encontrar nos destroços outras potencialidades de existência (Figura 2). Forçar uma viagem sem rumo ao desconhecido.

Figura 2. Experimentação com manipulação de imagem.



Fonte: Arquivo das autoras, 2019.

É na viagem que produziremos subjetivações libertárias, mais afeitas as experimentações que esgotam o campo do possível em busca de extrair da vida outras sensibilidades. O /im/possível é apresentado por Stubs (2018, p. 81) como “[...] força que extrai das ruínas do nosso presente sua força inventiva de transformação e mutação das nossas relações e sensibilidades”. O que o estudante fez foi nos mostrar um incomodo com o presente e com o que está dado, apostando em sua destruição para a produção e criação de outras paisagens – como se a manipulação funcionasse na criação de outras realidades possíveis, na invenção de mundos por vir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos a proximidade da relação do rosto com a paisagem, fazendo com que a subjetividade se fixe em territórios sem espaço de experimentação. Se a máquina de

rostidade sempre se movimenta com essa relação, rosto-paisagem, os movimentos de abertura que podemos produzir em um deles sempre vão engendrar a produção de um novo no outro. Fugir do rosto que nos controla implica o encontro de outra paisagem mais libertária para habitar. Todavia, queimar a casa que habitamos também implica produzir um novo rosto a partir das ruínas do que conhecemos.

Esses delírios-reflexões partindo das experimentações das estudantes são ricos em analogias que podem ser utilizadas para explicar movimentações no jogo de poder que nos produzem. Nosso objetivo neste resumo foi refletir sobre práticas de desrostificação a partir das experimentações artísticas realizadas durante o Estágio de Docência, mas podemos apontar para questões além delas que apareceram ao longo da nossa pesquisa.

Uma delas é a produção da subjetividade docente, normalmente preocupadas com a subjetividade das estudantes, esquecemos que os engendramentos do poder também nos formam e nos fixam em determinadas posições como professoras. A docência é um rosto com uma paisagem já estruturada, fixa e bem rígida, pois carrega consigo as expectativas das estudantes, as burocracias acadêmicas e nossa própria cobrança. Por isso, por vezes, acabamos nos apropriando e se reconhecendo nessa imagem de poder que a docência pode engendrar, se fechando para o que acontece durante as aulas em questão de acontecimento – nos momentos em que se produz uma linha de fuga que pode nos levar ao desconhecido e gerar outras sensibilidades para conosco e com as estudantes.

Para nós, uma das novas percepções que fica é a necessidade de não se tornar uma professora apaixonada pelo poder, ser sempre uma professora em busca de devires imperceptíveis e revolucionários...

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? In AGAMBEN, Giorgio: **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. 6ª. ed. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó/SC: Argos, 2009. p. 8-51.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** 2, vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** 2, vol. 3. São Paulo: Editora 34, 2012.

IRWIN, Rita L. A/r/tografia. In: DIAS, Belidson. IRWIN, Rita L. (Orgs.). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia**. Santa Maria/RS: Ed. da UFSM, 2013, p. 21-26

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

GALLO, Silvio. **Deleuze & Educação**. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017

MAIO, Eliane Rose. O começo dessa história: discussões iniciais sobre gênero. In: RIBEIRO, Marcos (Org.). **A conversa sobre gênero na escola: aspectos conceituais e político-pedagógicos**. Rio de Janeiro: Wak, 2019. p. 17-30.

SIQUEIRA, Juliano Reis. Estágio em Artes Visuais como campo de pesquisa. **Apotheke**, Florianópolis, v. 8, n.1, p. 30- 43, abril, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/21814>. Acesso em: 6 jun. 2022.

STUBS, Roberta Parpinelli. O /im/possível como coeficiente artístico. **Revista Visuais**, v. 5, n. 8, 2019, p. 79-105.

PELBART, Peter Pál. Biopolítica. **Sala Preta**. São Paulo. 7 ed. 2007. p. 57 – 66. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57320>>. Acesso: 18 de jun. 2019.

PRECIADO, Paul. **Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: n-1 Edições, 2014